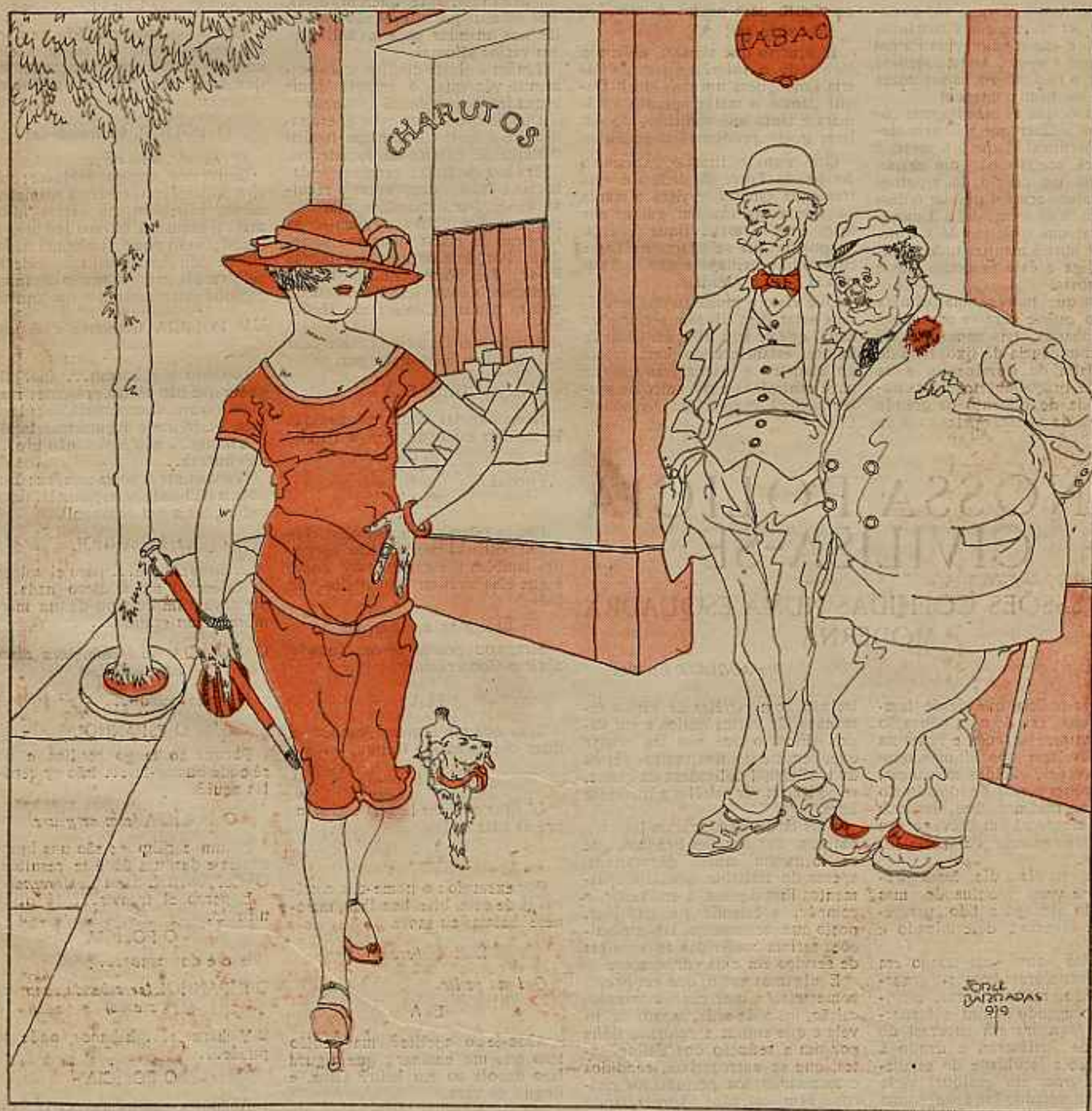


LISBOA
15-SETEMBRO-1919
ANO I-N.º 3

O RISO D'A VITÓRIA

DIRECTORES
JORGE BARRADAS
HENRIQUE ROLDÃO

OUTROS TEMPOS



— Como o tempo passa! Conheci esta menina usava ela saínhas compridas!...

O RISO D'A VITÓRIA

QUINZENÁRIO HUMORÍSTICO

COMPOSIÇÃO: TRAVESSA DO CORPO SANTO, 9
IMPRESSÃO: RUA DO CORPO SANTO, 46

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
CAIS DO SODRÉ, 52
PROPRIEDADE DE «A VITÓRIA» LIMITADA

ANÚNCIOS: CONTRACTO ESPECIAL
TEL.-C: REDACÇÃO 5104 ADMINISTRAÇÃO: 5103

C. M. L.

Bravo! Assim é que nós gostamos de vêr! Isso é que é patriotismo! Isso é que é amor pela Pátria! Isso é que é gosto! Aquella medida de fazer o ro C io em meias dozes é de se lhe tirar o chapéu!

É claro que as más linguas começaram a dizer que ali havia eléctricos! Mentira! Daqui a 6 meses é que será preciso pôr um desvio, mas é só um desvio, daí a outros 6 será talvez preciso desviar o desvio para mais alem, daí a 3 meses é natural que o desvio dê a volta, mas por hora é mentira tudo quanto se diga a êsse respeito! Mas é mania nossa!

Lá porque houve uma câmara que não esteve para se preocupar com ninharias, tais como falta de água, abundância de lixo, falta de carne, falta de iluminação, e se lançou de braços abertos numa nova medida de fomento de grande brado, vá de a deixar pelas ruas da

amargura com piadas e motejos! Não pôde ser!

É preciso que alguém, deitando fóra todo o interesse, faça da Pátria Portuguesa um país ideal! Daqui damos o maior aplauso á Câmara e tanto que confiados no seu bom gosto propomos o seguinte:

Que visto o tirar o gazómetro do pé da Torre de Belém é uma tremenda asneira, e visto a mania de vários malucos em queter por força que a torre fique liberta, propomos que se agarre na Torre com todo o geitinho e que se a ponha lá para o Alentejo.

Que visto o mosteiro dos Jerónimos estar para ali sem servir para nada, que se faça dêle um Club de Balota, estabelecendo uma roleta no claustro e banca francesa na nave central. O novo antro de prazer poderá chamar-se: *Jerónimos-Club*.

A NOSSA POLICIA CIVILISA-SE

IMPRESSÕES COLHIDAS NUMA ESQUADRA
MODERNA

Por AUGUSTO CUNHA

A nossa policia, que desde tempos remotos, era de uma educação muito rudimentar, rude e bruta na intimidade, tem nos últimos tempos, através de rápidas mudanças, feito tais progressos e adoptado tão civilisadas medidas, que, estamos crentes, alcançará em breve o seu estado interessante de perfeição completa.

Há tempos, dia a dia, êsses progressos se veem acentuando, mas não tendo até agora tido, parecidos, um objectivo determinado e firme.

Primeiro houve um tempo em que lhe forneceram bombas, granadas de mão, metralhadoras, espingardas, chegando enfim a tornar-se cada esquadra em sucursal do Muzeu de Artilharia, e dando á corporação a faculdade de estabelecer um front em qualquer via adistada, faltando-lhe apenas uma provisão de máscaras contra os gases asfixiantes, o que em certas ruas lhe deveria ser também de grande utilidade.

Depois tudo mudou; começou o azul dos uniformes a aparecer es-

trelado, com estrêlas de vários tamanhos, de vários feitios e em vários sitios, o que nos fez pensar que, perante um dos muitos gestos da tradicional delicadeza da classe, se poderiam vêr estrêlas a qualquer hora.

Mais tarde, penduraram-lhes aos ombros, uns cordões brancos, que os tornavam muito decorativos, apesar do trabalho que tais ornamentos lhes dariam, a endireitar, a compôr, a estender, a encolher, posto que, certamente, tais atribuições seriam conferidas ás soperas de serviço em cada corporação.

E julgamos então, que em breve, começariam a usar chapéu armado, calção, meia de seda, sapato de fiavela e que enfim a reforma tinha por fim a sedução dos delinquentes, que se entregariam, rendidos e fascinados aos perfumados civicos, bem calçados, apresentando uma perna bem torneada, sem mais violências, protestos e mandados de captura.

Era, enfim, uma maneira ultracivilisada de manter a ordem. Mas não; tudo passa, e hoje já sob ou-

tro aspecto, se nos apresenta a tão metamorfosada classe.

Agora guardaram os cordões; só as estrêlas ficaram de fóra, mas acompanhadas, por vezes, de umas bandeirinhas, que querem dizer, que os seus portadores são capazes de nos mandar para o xelindró, em vários idiomas.

Emfim a classe civilisa-se e quizemos vêr qual o aspect duma esquadra depois de tal inovação.

Dirigimo-nos por isso á esquadra dos Capelistas com um ligeiro disfarce de gatuna de forasteiros.

Era d'a de festa; carpetes, estatuetas e flôres, decoravam o recinto, dançava-se um *cotillon*, marcado por um dos chefes e viam-se as soperas da nossa primeira sociedade. Por cima de uma das portas lia-se: *Tea Roden*, noutra lia-se: *Jadistmen's house* (era o calabouço), noutra ainda: *Cabinet du chefre*, etc.

Sentimo-nos; a um canto um policia falava com o seu par.

Dizia ELA

Não imaginas como as meninas lá em casa estão de cara á banda.

ÊLE

Porquê?

ELA

Por tu falares francês; não acreditam; olha lá porque não aprendes também a tocar piano? então é que elas ficavam danadinhas de todo.

ÊLE (com ar superior)

Sim, vou pensar nisso, quando abrir o Conservatório.

ELA

Tens que me ensinar também a dizer coizas na tua lingua.

ÊLE

O' filha a minha lingua está sempre ás tuas ordens.

ELA

Por exemplo: o nome das comidas lá de casa, bife, bacalhau, maionese, batatas au sante.

ÊLE (soberano)

Out ma petite.

ELA

Abro-te o apetite? mas então tens que me ensinar; que figura faço depois ao teu lado? Olha, e lingua de vaca.

ÊLE (sério)

Essa ainda não aprendi... Afastamo-nos discretamente; ouvia-se a voz dum chefe bradar: O corenta está cá?

UM POLICIA (de bandeirinha francesa)

Côrent'e c'est moi... Pronto mon chefre...

O CHEFE

Já le disse que me fale sempre em tradução que eu assim não o entendo... Vá dizer aí ao telefone que a esquadra dos Terramotos só arrecebe ás 5.^{as} feiras...

O POLICIA (retirando-se)

O' Revoir, mon chefre.

(Entrámos noutra gabinete; vários policias conversavam animadamente e bebiam em vários idiomas; a esquadra fez-nos lembrar o Suíço; tudo aquilo tinha um aspecto de distincção muito considerável; vários gatunos muito comprometidos estacionavam a um canto).

UM POLICIA (brindava entusiasmado)

Hip hip hip hurrah... (por alguém que não estava presente; mas logo outro, descontente, bradava com gesto irado erguendo a taça): Não hip... não hip... não hip... não hurrah...

(Vlêmos até á porta; na rua um policia de bandeira espanhola, dava indicações a um espanhol).

O ESPANHOL

...lo pregunté... pero el colega de usted no me á dicho nada... me dava a impression de un mármore... un granito...

O POLICIA (distraindo, para dizer alguma coisa)

Já tenho bebido...

O ESPANHOL

Porque no tengo cerillas, e no sé onde buscar-las... não ay cerillas aqui?

O POLICIA (com ar grave)

É um sarilho é; são uns ignorantes e después dá este resultáu. O ESPANHOL (sem comprehender) E perco el tranvia... Já passa un rato.

O POLICIA

Isso é dos canos...

O ESPANHOL (percebendo casa vez menos)

Y charutos... habanos, onde se puede...

O POLICIA

Abanos... ali na mercearia á esquina...

(Retiramo-nos solemne e definitivamente, pensando que caminhamos enfim agora na vanguarda da civilização... se bem porque talvez na reatuarda, já não há lugar).

CEU VELHO

Por VULCANO

A Lisboa irreverente, a Lisboa brejeira que á tarde faz vida entre o passeio do Gelo e o Benard pasteleiro, a Lisboa dissoluta que á noite vai espójar-se nas poltronas do *Maxim's*, a espalhar cigarros pelas cocotes e fichas no pano verde, há duas ou três semanas, esgaseou o olhar de espanto, e vociferou de indignação, diante da ordem cruel de um senhor chefe de polícia, feroz e moralista Pina Manique de Perlímpim, que ordenou aos guardas, a detenção de todo o fiel janota que na cidade deambulava os ócios, a gracejar chufas ao madamismo que passa. E a outra parcela de Lisboa, a Lisboa pacata que á noite joga a bisca em família e pela Pascoa manda um pacotinho de amendoas á comadre, essa delirou com a medida moralisadora tributando orgias de adjectivação barata ao severo promulgador da ordem.

Pois perdôa-me, Lisboaesinha de chinelos de trança e canela no arroz doce, que desta vez não tens razão!

Não venhas para cá com moralidades, meu burguês ratão, que em família aplaudes a medida da polícia e á noite mandas a cara-metade acompanhar a tua Fifi ao animatógrafo, e ela lá está de perna á vela e colo a pedir cartaz, a ver se caça moço casadoiro que te alivie a despesa e te ampare a pequena!

E se tu, Pantaleão manhoso, não tens pejo em aguçares o apetite do bicho-homem, exibindo-lhe, com descaro, os encantos da tua Fifi, como podes revoltar-te se a tua mulher te contar que um gaiatão encolarinhado e de badine, ao passar perto da tua filha, se lembrou de apreciar com rudeza de palavras, as maravilhas que a inconsciente garota patenteia desafortadamente, sem teu protesto, a todos os olhos que nela poisam?

Aposto que se amanhã, não conseguires deter a tua esposa que teima em sair á rua, coberta com a cassaca parra e se um marmanhão qualquer, atraído pela folha da parra, conseguir provar as uvas que tu cuidas propriedade tua e exclusiva, aposto que não terias pejo em ir aos tribunais pedir um desagravo á tua honra, ou ir procurar o ladrão das uvas e completar-lhe o menú frugivoro com meia dúzia de ameixas da tua Browning!

Não me mereces piedade, meu moralão de fancaria!

Se queres aplaudir a medida do polícia e queres que eu te tome a sério, quando a tua mulher que é doída pela moda e a tua pequena mais velha, que anda deserta por namorico, te aparecerem pouco mais que em camisa, braço ao léo e prontas a sair á rua, completa-lhes o vestuário com uma carga de pau que disso é que elas andam bem precizadas!



APRESENTAR, ARMAS!



A nossa florista!

Nunca viram, nuns pequenos *cramos* que as papelarias costumam expôr, uma figurinha de mulher, delgada e gentil, vestida á Luis XV com um acafare de florinhas vermelhas (isto até parece do Dantas!) enlaçado de côr de rosa e que representa uma florista do tempo das cabeleiras de rabicho?

Já! Já, e gostaram naturalmente!

Pois agora, vasculhem bem o olhar e digam-me se essas *mondongas* que pelos passeios da Baixa, com quatro cravos raquíticos metidos numa caixa de conserva vazia e suja e as saias a desmaiar pela barriga abaixo, são ou não as verdadeiras sucedaneas, dessas figurinhas? São!

E' um gosto vê-las as nossas flo-

ristas! Como elas fazem lembrar aquêlle distico que Ulysses escreveu á entrada da barra—Jardim da Europa—Como as flores nas suas mãos são belas e castas? Com que graça, elas no passeio do Martinho se chegam a nós e numa voz de treponema pálido dizem: "Queres uma flôr ó tu! Olha que é um *camochol*."

Há quem diga que as nossas floristas o que deviam vender eram ortigas e piteiras! Não estamos de accordo! Que diriam os estrangeiros! E que diabo, num *Jardim da Europa*, como lhe chamou o outro palerma, em que as festas da flor são feitas com cravos de papel, que tem que as floristas andem porcas? Até se procurarmos bem, se encontra uma certa ligação...

O ROCIO

BREVE PALESTRA COM D. PEDRO IV

Quatro horas da manhã, Vamos a passar para o Arco de Bandeira:

—Pst! Pst!

—Quem chama?

—Eul O Pedro! O da Carta!

—O' Magestade!—E vá de trepar pelo castiçal acima. O D. Pedro nem já parece o mesmo. Os calções de largos ameaçam um terramoto, as botas rôtas, e no físico,

um dedo sem cabeça, um olho escangalhado, um horror!

—Mas, magestade em que estado o venho encontrar!

—Que quer meu amigo! Esses senhores das revoluções teem a mania de que eu sou *tezo*! Se você soubesse os sustos que tenho apinhado. Olhe bem esta mão, la indo para o *maneta* no 5 de outubro!

Este galo na cabeça, foi o Afonso no 14 de maio!

—E o olho?

—O olho fôram os marujos no 5 de Dezembro. Dessa vez se não me abaixo era um ar que me dava!

—Coitado!

—O que eu tenho passado! Se não fosse cá por coisas já tinha pedido a minha reforma de estafeta!

—Mas agora está tudo socegado!

—E' o estás!

—Já não há herois!

—Ora essa! Então o Tóta o que é? Era só o que me faltava! Esse sujeito parece que me tomou de embirração! Você sabe para que são essas escavações aí em baixo?

—Ouvi dizer que era para ver se achavam água!

—Nada disso! E' para me descontentar! Desde que o Ramada Curto esteve no poder todos teem a mania de subir. Agora o Tóta quer por força vir para o meu lugar!

—Mas porque é que Vossa Magestade não convida qualquer outro monumento para vir para o seu posto?

—Já convidei! Convidei o Sá da Bandeira!

—E' ele que lhe respondeu?

—Disse-me que se não lhe tivessem cortado um braço que me daria a resposta...

—Pobre D. Pedro!

—Se eles até já me teem chamado *talassa*!

—E' para lastimar!

—E não contentes com isso tudo, vão agora escangalhar-me a casa e pregar-me com dois ss em cima! E' ou não para arrelhar?!

—Realmente...

—E depois se eu qualquer dia atirar com as esporas ao ar e lhes pregar com a Carta na caixa dos pirolitos são capazes de pregar comigo em Santa-Clara!

—Mas que remédio lhe havemos de dar?

—Olhe, eu lembrei-me, você que tem conhecimentos, veja se no Asilo de Mendicidade há vaga! Se houver... passo-mel!

—Fica o monumento sem ninguém?

—Ponham cá o Tóta!

—Tem que se mudar o nome ao Largo!

—Isso é o menos! Ele é Alberto não é? Pois basta só pôr mais um B para ficar certo!

—Como?

—Assim: Praça B A TOTA!

DE CACETE Á ESQUINA...

*RESSURREIÇÃO,

Recebemos com muito prazer a visita deste mensário dirigido pelos srs. Gomes Ferreira e H. Pelágio. De um belo aspeto geral, são dignos dos mais rasgados elogios as maravilhosas quadras de Augusto Gil, o artigo de João do Rio e o retrato do dr. Leonardo Coimbra. Pena é que o mau gosto leve-se a direção da revista áquela fraze por baixo do retrato do Doutor: —Leonardo Coimbra faz lembrar uma criança...

DIÁRIO DUM POLÍCIA

De Eduardo Noronha

Estamos a lêr. Depois falaremos.

CARTA DA RUSSIA

(DO NOSSO ENVIADO ESPECIAL)

A fantasia humana—segundo disse Voltaire numa carta a Clemencau—é a maior conquista do homem sobre o abstracto.

Isto a propósito duma visita ao túmulo de Guttemberg nas catacumbas de Veneza.

Pois hoje, como o autor das célebres cadeiras de braços, eu direi que, não só é a maior conquista, mas, ainda como Maple—seu rival em poltronas—a forma definitiva do pensamento ausente.

O que eu fantasiava sobre Lenine! O que dele fantasiavam sábios e ignorantes, pintores e poetas, militares e paisanos!

Uns descrevem-no monstro, outros pintam-no como Belzebuth, outros ainda cantam-no como o Anti-Cristo ou as Cartelinas!

E, no entanto, Lenine, o verdadeiro Lenine é, o que se poderia chamar em linguagem bíblica: uma beleza de homem!

Tais as impressões que colhi e que passo a transmitir mais desenvolvidamente.

No domingo de tarde, munido do *Manual das Neves* e acompanhado de Kropotchine tinha ido dar um passeio de *sky fóra* de portas quando, ao recolher ao hotel recebo a notícia de que o Senhor de todas as Rússias Possíveis se dignava receber-me no dia seguinte. Fiquei alvoroçado. Ia defrontar-me com o Todo-Poderoso e dessa entrevista dependeria—quem sabe?—uma grande melhoria—ou pioria—de situação para o nosso País.

Coligi umas notas, preparei umas frases e fui dar uma volta até ao Rocielf a ouvir a música. Imensa gente. Tocavam nessa ocasião a Bolcheveza (actual hino russo) e como por ignorância não tirei o chapéu, partiram-me a cabeça, do que logo me pediram desculpa, levando-me a uma sapataria onde me coseram o coiro cabeludo a pontos naturais. Tão naturais que parecem meus.

Deitei-me e passei a noite agitado, esperando ansioso a hora da entrevista.

Nota curiosa: aqui os relógios só dão oito horas, depois param a descansar até á uma do dia seguinte. Isto é: ás oito param todos á uma.

No dia seguinte, mal os ponteiros esboçaram o gesto de dar as três e meia, parava á porta um elegante *auto* de doze cavalos e um pleno, para o qual, previamente vendidos os olhos, fui conduzido por dois operários sem trabalho—quero dizer: não lhes dei trabalho algum; fui espontaneamente.

O carro deslizou pelas longas Avenidas e passados uns minutos parava junto do antigo palácio imperial a cujo portão, dois guardas vermelhos de frio faziam sentinela.

Os meus silenciosos companheiros tiraram-me a venda deram a tenha e entrámos num largo vestibulo todo em pedra-pomes e ca-



nas da India, onde uns líões de Coral vertiam água de Canecas sobre um lago de tartaruga maciça.

A um canto, um grupo de incendiários jogava o sete e meio e bebia Kummel.

Mais dois ou três trabalhadores jaziam estirados sobre tapetes persas ocupados na árdua tarefa de coser as suas bebedeiras, pois aqui não há costureiras da especialidade.

Ninguém deu pela nossa entrada. Ainda ouvi praguejar, mas, não era comosco. Foi um parceiro que tendo feito batota, palmou três rublos a outro. O meu companheiro tranquillizou-me: — São lá os ministros uns com os outros... Política!

Subimos a larga escadaria, palhetada de ouro e penas de avestruz, e chegámos em frente duma larga porta entreaberta donde vinham uns sons de instrumento de corda. Anlquei o ouvido. — Seria possível? Era uma guitarra... sem dúvida... Cantava-se o fado!

O introductor (de aí lhe vinha o nome) introduziu a cabeça pela abertura da porta e voltou logo a elucidar-me: — Estão a tocar citharra e a cantar o skiff: é uma rapaziada que veio ouvir o Lenine.

— Ceus! Pois o sr. Lenine toca e canta?

— Ora essa! — diz-me o valido — Então porque raio é que êle havia

de ser o nosso Augusto Chefe?

Estremeci de contentamento.

Daquilo também nós tínhamos e de skiff á cova!

Nesta altura parou a cantiga e estrondearam palmas. O meu companheiro entrou enquanto eu circunvagava a vista pelos *panneaux* da escadaria. Soberbos!

Leda e o Cisne. Leda tinha um bigode a carvão e o cisne a seguinte frase que lhe saía do bico: «*Tem paciência menina mas neste regimen até os cisnes apenam.*»

As onze mil virgens. de Keroul: retocadíssimas a preto e com este distico: «*Ou todos comem ou há mortalidade.*»

O BURGUES: — ABA

AS SOCIAIS



ve e foi muito bem recebido; prenderam-no por suspeito, mas quando disse que era bolchevista, pediram-lhe desculpa e deram-lhe uma borla para o Coliseu. Tem grande fé nos nossos destinos: — E' pena, vocês com um clima tão bom para desenvolver a ideia, estarem ainda tão atrasados!

— Atrasados?! Camarada! — Disse eu num arranço patriótico — Nós somos um povo que avança!

E na disposição de inventar só para que ao pé deles não ficássemos metidos num chinélo, continuei:

— Temos o *Soviet* dos revolucionários que há oito anos nos bolchevicam a paciência aos vivos aos mortos e aos mortos aos vivos.

Temos o *Soviet* dos comerciantes por grosso, encarregado da extração da pele burguesa em proveito do seu *bolsavismo*.

Temos o *Soviet* dos pais da Pátria que funciona no Senado-Club e no S. Bento-Palace, onde se jogam os destinos do país que — a culpa não é deles — tem um tal azar que já anda de tanga. Além disso temos ainda o *Soviet* dos operários que andam a abrir no Alto da Avenida uma cova para enterrar o trabalho, que, como o camarada Lenine sabe, morreu com a doença do sono em seguida a um ataque de descanso!

Lenine estava assombrado, e eu radiante pela boa figura que fazíamos ao lado do seu povo.

— Tantos *soviets*? Mas... porque só veste agora? — perguntou com intimidade o bolchevik-mór.

De:culpei-me com a greve ferroviária, no que ainda fizemos um vistão, e prometi-lhe assiduas notícias sobre os nossos progressos.

O relógio dava oito horas e parava, Lenine parou também. Indicou-me a porta. Obedeci e estendi-lhe a mão em ar de despedida. Apertou-ma cobrando mil rublos por ser trabalho extraordinário. Sai; silêncio profundo! Tudo dormia em paz!

A esta hora, se calhar, em Portugal andam á bazanada uns aos outros...

JOÃO BASTOS.



«O Riso da Vitória»

Dará larga noticia de todos os livros ou publicações que lhe sejam enviados



ABAIXO O CAPITAL!

Souu um timbre e apareceu o já conhecido companheirão que me mandou entrar. Atravessámos um largo corredor em zig-zag que se perde em salões Satin e Duc e estamos no antigo quarto de cama de Nicolau. Lenine está deitado sobre um leito de colunas vertebrais. Os seus companheiros conversam agora num gabinete ao lado. Estamos sós e examinamo-nos com surpresa. Faz-me sinal e eu sento-me num caixote de vêlas. Mal disfarço a minha admiração. O famoso caudilho da Ordem Social é, ao contrário do que supunha e já disse, uma criatura extremamente simpática.

Estrábico, sem o saber, um pou-

co calvo e picado das bexigas, a sua fisionomia tem a aparência calma das pessoas bem bebidas e o ar tranquilo das consciências em vinha de alhos. E' alto, posto que deitado, e fala com intermitências como os sábios, que completam com a eloquência do silêncio o laconismo da frase.

Oferce-me genebra; aceito para o não contrariar e, não sabendo como dar principio á entrevista começo pelo fim da minha visita. Preâmbulo. O mundo pergunta para onde tenciona êle levar a Rússia.

— Para parte alguma; são calu-nias dos aliados.

Pensou, efectivamente, levá-la

para a Africa mas só para derreter gelo da Sibéria. De resto, o verão é ali muito agradável.

As suas intenções são puras como o Mar Negro. Mata para resolver a crise das substências e incendear para equilibrar a temperatura.

E' claro que os bancos ficaram quebrados, mas como extraíram a raiz quadrada aos banqueiros, não deixaram de ser a mesma potência de outros tempos, aritméticamente falando.

A' palavra Portugal, Lenine ergue-se sobre um cotovelo e tem um sorriso estranho.

Conhece-nos a palmas, já lá este-

NO MESMO ESTILO...

Por FAISCA



II

JÚLIO DANTAS

Minha queridíssima viscondessa:

As suas lindas rosas, como pomboas mortas pelo brilho dos seus caros anéis de opálas, que Derigny lapidou para uma delicada princesa de Luís XVI, vieram através da transparência dos seus esguios dedos de seda rose, oferecer-me o delicioso aroma com que a minha amiga perfuma as pãlhetas de marfim do seu precioso cravo do século XVIII com iluminuras de Gaston de Or e que ouviu os odorosos gemidos dos delicados minuetes de Lully.

Quando na Florença, sob os poentes vermelho e ouro, Dante, o sonhador herói das pedrarias rimadas, cujos versos fazem recordar as penas do seu lindo leque de Watteau onde duas figurinhas, num fundo de esmeraldas doentes, de ancas de seda e sinais no rosto esboçam uma gavotte que foi o sonho dos *incroyables* de Versailles, conta a lenda, sempre curiosa como feminina que é, e resplandente como fulgurações de onix, que por certa açafáta melga e linda como os seus divinos olhos minha querida amiga, teve um dia a tentação de uma rosa veludina e leve como se pintada pelas caricias leves dos lábios vermelhos da Pompadour, viesse pôisar cariciosa como tocada pela maravilhosa arte de Frans-Hals, no colo branco de açucena casta duma monja, que o amor encarcerára no Mosteiro das Carmelitas entre as telas de Reynolds e Holbein, a púrpura e o ouro dos altares, e o cantocho do senhor D. João VI.

As senhoras gostam muito, dizem aos maridos que o Júlio é o mais lindo poeta do mundo e os jornais publicam-lhe o retrato. Dizem para si que é próprio quem faz as notícias a seu respeito, mas deve ser castiça, por força.



ALA DOS NAMORADOS



ANTÓNIO FERRO

NO MARTINHO

Encontro-me febril... E com esta mania de exagerar em Arte a febre que me toma, Pego na pena com raiva, com histeria Mas nem uma ideia ao espírito me assoma.

Passo horas no café. Olho lá para fóra... Um amigo chegou. Baixo os olhos, inquieto... É muito falador, não o aturo agora... Tanto mais que vou vêr se acabo este soneto...

Que pena que eu não tenha ao menos uma ideia!... Nunca fiz versos tão asperos, tão feios... Penso! Penso! Mas ao cérebro só me vem

Esta recordação que o corpo me incendia, Que ela tem um sinal oculto num dos seios No direito ou no esquerdo... Eu não me lembro bem...

N. da R. — Esta secção não condiz com a indole do nosso jornal, mas prestámos nela um culto ás boas letras que não fica mal a quem graccja.

UMA HORROROSA TRAGÉDIA NO ROCIO

TRATA-SE DUMA MENINA DA NOSSA PRIMEIRA SOCIEDADE E DUM SOLDADO DA ÚLTIMA

Por ALFREDO ABRIL

Naquêl relógio que D. Nuno Álvares Pereira mandou colocar no convento do Carmo para os que escangalham o Rocio saberem quantas horas trabalham, batiam 10 badaladas. Ao longe um automóvel chorava atrás duma carroça. Havia trens que diziam que a mãe o abandonara. Entretanto Rita Rica, descia sósinha a Avenida e perguntava, a chorar também, o que iam fazer ao Rocio. E esgotava o Alviela lacrimal que descia de seus olhos: verdadeiros Arco das Águas Presas, lá perguntando sempre. Parecia-lhe impossível como lhe dera uma congestão ao Rocio, pois lera algures que o dr. Câmara se preparava para o descongestionar. Ainda na véspera o vira completamente bom! Não somos nada nesta vida!

Desembocou no Largo do Camões e, ao entrar na Praça de D. Pedro e ao vê-la com a cara retalhada, perdeu os sentidos e caiu inanimada. Apitos, gritos, correrias. Um cavalo da guarda desatou a correr e o guarda do cavalo, desatou a bater. Veiu a policia. Juntou-se gente, rodearam a Rita, um wagon-lit do Sinal da Cruz, chegou e alguns sócios levantaram a infeliz desmaiada, meteram-na no wagon e lá a levaram para o hospital que S. José no tempo do Marquês de Pombal tomou de trespassse a Todos os Santos. Ao fim de duas horas, a Rita que pelo que mais tarde se averiguou, tinha ido lá dentro, ainda não voltara a si. No meio do rebofio, um soldado de infantaria, que fora campino do sr. Infante e morava na rua das Cavalariças do Infante, numa água furtada a outro prédio, pois naquêl

não havia chafariz nem contador encontrou uma caixinha de prata, pequenina, do feitio das que usam as senhoras para o pé de arrós, e guardando-a na algibeira das calças, seguiu o seu caminho.

Chamava-se êle, (o soldado, é claro, não confundir com o caminho), João Lavai.

Ora aqui é que a tragédia se apresenta com todos os seus horrores... Rita Rica, tendo voltado a si, declarou que vivia com a mãe nas Escadinhas da Mãe de Água uma mulher de setenta e sete anos, (a mãe da Rita, é claro, e não a mãe da Água), e que tinha telefone.

Ter telefone significa que se pode mandar a voz de carruagem enquanto se fica à espera da resposta, mas nos nossos telefones não é bem assim, pois equivale a mandar a voz a pé ou de carroça enquanto o indivíduo espera e desespera. Tem até succedido ás vezes o paciente mandar a um recado a voz e quando volta com a resposta já o cidadão não pertence ao número dos vivos. Mas voltando ao assunto. Telefonaram, mandaram vir a mãe que chegou pouco depois allita e pallida. Logo que chegou ao Banco do Hospital deixou-se cair sobre um Banco com umas notas do Banco de Portugal na mão.

— Isto — berrou ella indicando as notas — a quem a encontrar, a quem a encontrar!

A scena comoveria qualquer Lénine. O silêncio era sepulcral. Entretanto, Rita Rica olhava e não via, escutava e não ouvia. Horror!...

— Cem escudos — bradava a mãe — a quem encontrar uma caixinha de prata que minha filha perdeu.

Sairam vários a correr pela rua do Arco da Graça, que tem graça porque não tem arco, (alguma Câmara transata lh'o descongestionou), atravessaram a Calçada do Garcia que era um bellissimo rapaz, e zás... em busca da tal caixa. Rebuscaram e nada. Que Diabo teria dentro a caixa? A mãe entretanto no hospital explicava:

— Trazia nela os sentidos a minha filha, e perdeu-a?

Solucou.

— E agora — continuou ella — a minha filha não cheira, não ouve, não gosta, não vê, não apalpa...

As lágrimas corriam em fio para um ralo que communicava com o canal geral.

Passaram-se dez dias, (subentende-se que se passaram também dez noites), e a mãe de Rita Rica, chorava pelos cantos da casa e balbuciava:

— Ai, a minha rica Rita, ai, a minha Rita Rica!

Quando se sentavam para comer, a mãe almoçava á pressa e emprestava o gosto á filha, (pois não tinha mau gosto), para que comesse alguma coisa também; quando a mãe via um rapaz de fortuna que lhe convinha para a pequena, pois até lhe poderia comprar uns sentidos novos na Alemanha em comprimidos de Bayer, emprestava-lhe o vêr e a rapariga olhava; quando passavam num jardim, emprestava-lhe o cheirar e a Rita cheirava; quando queria que a filha apalpasse qualquer objecto, emprestava-lhe o apalpar e a rapariga apalpava.

Iam vivendo assim. Uma vida dolorosa, é certo, pois acontecia que quando a mãe precisava chamar a filha tinha de lhe emprestar o ouvir enquanto falava, restituindo-lh'o a filha quando respondia.

Rita Rica que fôra educada na Escola Filosófica, (Bêco do Fala Só), sabia que «morrer por morrer, morra meu pai que é mais velho» e não raras vezes pensou em roubar á mãe os sentidos quando estivesse a dormir e fugir depois com êles. Numa noite (que noite aquella!), pé ante pé dirigiu-se para o quarto da mãe, entrou, pôz o vêr e examinou os restantes sentidos. Não valia a pena o roubo. Como eram as duas que os usavam, já estavam quasi gastos. Retirou novamente e desatou a chorar. Quando já tinha chorado o suficiente, atou de novo o choiar e adormeceu... Eram seis horas da manhã.

E o soldado que encontrára a caixa? — perguntarão os leitores com as lágrimas no lenço.

Êsse, coitado, logo que encontrou a caixa dirigiu-se para casa, destapou-a, levou-a ao nariz e aspirou fundamente. Desde êsse momento começou a ter duplos sentidos.

Quando cheirava, cheirava duas vezes; quando apalpava, apalpava duas vezes...

Tinha uma coisa a seu favor: — é que quando ia ao teatro, mesmo que pagasse, ia sempre uma vez de borla, porque via e ouvia a peça duas vezes e se succedia agradar-lhe, gostava duas vezes.

Mas — oh! céus! — possuia um defeito que o matava lentamente. Quando ficava de guarda ao quartel, estava sempre, sempre, horrosamente sempre na posição de sentido...

ORA AGORA VIRAS TU...

UMA FESTA REPUBLICANA
NA ESQUADRA DA RUA DA PAZ

OU

COM PAPAS E BOLOS SE
ENGANAM OS TOLOS

— O seu 3645! Você já sabe todos os vivas de cor?

— Já sim, meu chefe!

— Agora veja lá se faz asneira! E você é cabo. Já escolheu o guarda que há-de fazer o discurso ao nosso comandante?

— Já disse ao 2002 que é língua!

— Agora éle que veja o que diz! E os pasteis de bacalhau?

— Estão prontos, não são bem de bacalhau mas estão muito bons!

— Lá o bacalhau é o menos, o que é preciso é que o nosso comandante goste! Bem, pôde começar a festa!

— Mas espere lá! Aquê busto da República não é o mesmo!

— Foi ali o cabo que o trouxe!

— O senhor guarda! Que tiros são estes?

— São os meus camaradas que estão a proclamar a República lá na esquadra!

— Com tantos tiros!?

— E se calhar ainda são poucos! E capaz de não ficar bem proclamada!

— Na esquadra arrumam-se os bancos e desfraldam-se as bandeiras.

— O meu chefe! É pena não haver música para a entrada do nosso comandante!

— É verdade! Peça ali ao barbeiro que lhe empreste o gramófone!

— O gajo é talassa!

— Que tem isso!? Também eu! Quer dizer, isso também eu sabia!

— Vivam os Países Aliados!

— Vivam!

— E agora, (diz o chefe) pôde começar o banquete! O 3111 tráz lá os pasteis de bacalhau e o vinho abafado!

— Avancam as virtualias anunciadas, em meio de grande alarido de ambos os sexos. Em cinco minutos esvasiam-se 25 garrafas de vinho e deglutem-se 10 duzias de pasteis entre comentários.

— Este vinho abafado está azedo!

— Naturalmente não o abafaram bem e constipou-se!...

— Os pasteis nem cheiram a bacalhau!

— Vem aqui para o pé da Júlia e verás como mudas de opinião!

— Ó ai ó linda

— O meu amor é da música!

— Viva a Pátria!
— Viva a Policia Republicana!
— Folgo (diz o comandante) em ver tão entranhado patriotismo!

— Se o meu comandante dá licença (diz o chefe), aqui o 2002 que é língua e fala uma data delas, vai fazer um discurso em nome da corporação!

— O 202 avança, estende o braco com as três bandeiras bordadas, e principia com enfase:

— Spécialité! Cointreau! Triple-Sec! Augers!

— Ah! É em espanhol (segreda o chefe).

— Diplomes aux expositions!
Cette excellente liqueur est la forme tonique et digestive...

— Apoiado! (diz o chefe)!

— Personne n'ignore qu'après le repas les fonctions digestives sont activées par une infusion de feuilles ou de fleurs d'orange! Hors concours! Membre du jury!

— Viva!

— Viva o nosso comandante!

— Viva!

— Viva o Patriotismo!

— Viva! Viva!

— O Comandante retira embavecido. Segue a dança.

No outro dia em casa a mulher do chefe indaga-lhe:

— Muitos vivas deste tu ontem!

— Mas ainda não os dei todos!

— Ora essa!? porquê?

— Porque preciso de ter alguns de reserva! Nada que isto ainda é capaz de mudar outra vez!...

LUIZ DE SOUSA



Como o outro estava já muito sujo das moscas, éle comprou este!

— Mas ó seus burros! Vocês querem fazer a minha desgraça?! O seu cabo! Vá lá buscar o outro busto!...

— Mas ó meu chefe!...

— Qual chefe nem qual diabo! Era o que faltava! Entrar por ali o nosso comandante e dar de cara com uma República Nova! Não ganhávamos para outro liguoco!

— Mas o outro busto está cheio de moscas!

— Lava-se e fica como dantes! Era o que faltava! Arranjavam-na bonita!...

— E agora comece a festa! O seu 4602! Largue lá fogo aos morteiros, e você ó 3645 comece lá com os vivas! Mas isso com bastante patriotismo!

— Viva a República!

— Viva!

— Pum!

— Viva a Pátria!

— Viva!

— Pum!

— E assim seguiram vinte e um vivas e vinte e um Pums.

— A vizinhança acordada às sete horas da manhã indaga próxima.

— Que será isto?!

— Querem ver que rebentou o gazómetro!

Mas você vá lá e diga-lhe que nesta hora solene não há talassas nem republicanos, todos nós somos portugueses!

— E se éle não for na fita!?

— Aperte com éle, diga-lhe que a Pátria é a Pátria!

— Bem, cá vou, mas ó meu chefe, se o gajo não ceder, posso largar-lhe um viva à monarquia, talvez éle assim!...

— Pois largue, mas devagarinho, não me arranje você algum sarilho!

— As ropeças das casas próximas começam chegando.

— O Rosa!

— O 316!

— O Rita!

— Raparigas (declama o chefe) "Mais uma vez o nome da Pátria de Aljubarrota encontrou éca no peito das Portuguezas! O nosso patriotismo já tão nosso conhecido, mais uma vez prova com a vossa presença que estais dispostas a dar o vosso sangue pela Pátria e pela República!"

— A gente veio porque nos cheirou a pândega!

— Sim! Portuguezas! Pândega! Nessa simplicidade está toda a alma do povo luzitano!

— Ó meu chefe, diz o 3645, quor que dê um viva?

— Já cá devia estar!

No meio da bacanal entra com os cabelos esbaforidos, os olhos suspensos e as tripas ao ar livre um cidadão que levou uma facada a uma esquina:

— Socorro! Acudam! Senhor polícia, que eu morro!

— Que diabo é isso! Você não estava no programa dos festejos!

— Um gatuco para me roubar... deu-me... uma... facada...

— Pois o melhor (diz o chefe) é lá ir ter com éle para que lha tire! Hoje é feriado! Estamos a fazer a festa republicana!

— Mas eu... morro... por causa... da festa?

— E eu se não a fizer é um ar que me dá com um cavalo-marinho às costas!

— Mas isto é uma malvadez!

— Ah! é? O 203 prega com este gajo no calabouço e não te esqueças de pôr na parte que o gajo é traidor à pátria, por causa das dúvidas!

— Segue a dança. Os guardas enlacam as sopeiras. Quando a agulha do gramófone vai a cair sobre o disco...

— Al vem o nosso comandante!

— Sentido! O seu 3645, atenção aos vivas! Atenção!

— Viva o nosso Comandante!

— Viva!

— E o gramófone...



POSTA-RESTANTE

IGNOTUS. — Se o cavalheiro é o primeiro a dizer que não tem graça, que havemos nós de lhe fazer?

LOURENÇO. — Já o conhecemos, é de Braga! Mande o que quiser que se for bom, sairá com muito prazer e honra para nós.

FELIX SIMÕES. — Muito bom. Sairá em breve. Vai a duas cores. Muito obrigado. Em querendo... dá-nos muito prazer com os seus desenhos.

MATIAS CARUNCHO. — Tem certa graça. Veiu um pouco tarde e o assunto já está muito tratado. Tem o Riso os ordens se nós quiser dar o prazer de fazer mais alguma coisa...

CABUZII. — Vá pró diabo que o carregue!

OS SPORTS. — Recebemos este bi-semanário de propaganda de educação física, que muito agradecemos.



Tão linda que até parece
Andar em sonhos perdidos
Só pensa na «Underwood»
Que lhe tomou os sentidos!